

ANAIS DO I COLÓQUIO DO LAHES

Juiz de Fora, 13 a 16 de junho de 2005

“O GRÁPHICO”: o discurso de uma categoria no Brasil da Primeira República

Teresa Vitória Fernandes Alves*
Mestranda – UFJF

Mudanças no panorama econômico, político e social marcaram à chegada do século XX no Brasil. A República, recentemente instalada, se deparava com modificações internas em relação a atuação política e econômica, como também sofre com o impacto das transformações no cenário internacional.

Passada a euforia da virada do século e o choque da Primeira Guerra Mundial¹, o ambiente político, econômico e social de grande parte do planeta tinha pouco a ver com as imagens deixadas pelos primeiros anos do século XIX. Os países europeus industrializados perdem a sua soberania no panorama internacional para os EUA. A redefinição das áreas de importância econômica internacional foi acompanhada por novos modelos políticos, enquanto que o clássico Estado Liberal começava a dar sinais de desgaste. No mundo do trabalho, os operários buscavam ampliar as suas conquistas sociais, fazendo crescer e disseminar os ideais socialistas e libertários nascidos no século anterior.

O efeito dessas transformações no jovem regime republicano contribuiu para acelerar o processo de mudança que já havia sido iniciado. A indústria assumia um novo papel na cena econômica, antes dominada pela elite agroexportadora. A idéia de progresso trazia a europeização para as ruas. Assim como nas boas famílias burguesas, o novo Estado queria as ruas limpas, praças ordenadas e trabalhadores no seu devido lugar².

O Rio de Janeiro não poderia deixar de sentir, em grau mais intenso do que qualquer outra cidade, as mudanças que vinham fermentando durante os últimos anos do império e que culminaria na abolição da escravidão e na proclamação da República. A mudança de regime, com todas as expectativas que trazia e também com todas as dificuldades que implicava, como que projetou a luz intensa sobre as novas realidades, tornando a vivência delas também mais intensa e mais difundida³.

Frente à modernização urbano-econômica, a sociedade brasileira se deparava com o surgimento de grupos defensores de projetos socialistas, com organizações partidárias, sindicatos e jornais. A exaltação do trabalhador como principal elemento da sociedade fez o movimento operário brasileiro romper os grilhões que o prendiam às tradições escravistas, no qual qualquer atividade manual era considerada indigna e humilhante para os cidadãos⁴.

A exaltação do “trabalhador”, como principal elemento da sociedade, fez com que o movimento operário brasileiro, rompessem os grilhões que os prendiam as tradições escravistas que consideravam toda e qualquer atividade manual indigna e humilhante para os cidadãos. Assim, os operários brasileiros, seguindo os trabalhadores da Europa, edificavam um novo capítulo na sua história, através da projeção das suas diversas identidades na construção da cultura social do país. Como afirma E. Bosi, “*Desde sua concepção o trabalho situava-se, portanto, naquela fronteira em que se cruzam os modos de ser do indivíduo e da sua cultura(...)*”⁵. No entanto, a inexperiência e a tomada gradual da consciência de seus direitos e deveres marcavam as primeiras organizações da classe operária⁶, voltados para reivindicações imediatas como o aumento de salários, o descanso semanal e a justiça laboral. O processo de edificação de uma identidade coletiva para o “trabalhador” adentrava a resistência imposta pelas forças governamentais e, sobretudo, pela superação da própria diversidade do movimento, dividido em inúmeras ideologias e grupos de combate.

No início do século XX, uma nova tendência político-ideológica tomou força no cenário brasileiro e ganhou espaço no movimento operário, o anarquismo⁷. Apesar de numerosas, as organizações anarquistas representavam apenas um dos lados de um quadro bem mais complexo. As antigas e tradicionais associações de “artistas” conseguiram sobreviver aos ideais mais radicais mesclando o mutualismo do século XIX a um passado mais distante, o das irmandades religiosas. Os modelos importados da Inglaterra misturavam o tradicionalismo e o paternalismo, que foram levados para o interior das fábricas, com a edificação das vilas operárias onde o meio urbano redefinido espelhava o paternalismo das relações entre patrão e empregado, o que implicou num vínculo entre empregador e empregado que tendia a ser visto como uma continuidade dos laços familiares⁸.

Os anarquistas defendiam outra estratégia de luta para a conquista de uma nova identidade para os trabalhadores na sociedade. Nela a idéia de política era redefinida e é a partir dessa redefinição que as questões dos interesses econômicos dos trabalhadores e de sua participação podem se entendidas⁹.

As vozes do operariado não se restringiam somente aos gritos de greve¹⁰ ou nos cumprimentos aos patrões, e extrapolavam o âmbito das fábricas e das ruas. A imprensa operária reunia uma gama infinita de temas que traduziam todos os momentos vivenciados pela classe trabalhadora, desde reivindicações e sonhos de um mundo melhor até a convivência em família e sua visão real da sociedade em que viviam¹¹.

As mensagens reproduzidas diariamente na grande imprensa, exigiam dos operários dedicação profissional e disciplina no trabalho. Elas não eram recebidas de maneira uniforme pelo conjunto de trabalhadores. De acordo com suas idéias, crenças e valores, eles interpretavam os conceitos de acordo com a sua cultura de classe. Um complicador nesse processo é que existiam divisões entre os próprios trabalhadores – divisões de origens étnicas, regionais, nacionais e profissionais. Nesse último caso os gráficos tomariam as mensagens dominantes como elementos reforçadores no orgulho de sua categoria.

Toda e qualquer sociedade é heterogênea. Isso fica bem distinto nas particularidades dos diferentes grupos que a formam e que se caracterizam através das diferentes culturas¹², valores, interesses e identidades. Isso não é fácil de ser entendido, porém aguça o desejo de desvendar esse passado e de entendê-lo com os olhos desses diferentes grupos/atores sociais. Deve-se salientar que a idéia de identidade está atrelada a construção de uma sociedade, ou melhor, na construção da cultura social. Assim, não houve apenas uma identidade mas sim várias identidades, já que elas faziam parte da memória individual e coletiva dos diferentes grupos que compunham a sociedade brasileira da Primeira República.

(...), a questão da identidade deve ser vista como lugar onde se faz a interseção do sujeito com as identificações que somos obrigados a assumir na vida cotidiana. Atribuir ou assumir identidades, implica atribuir valores ou utilizar categorias de pensamento, do pensamento ocidental, (...) ¹³.

Na construção da identidade coletiva, o jornal se torna veículo de convencimento e traduz valores, tradições, idéias, crenças, hábitos e comportamentos o que dá liberdade de recuperar a forma de agir de um grupo social específico e dos que fazem parte do seu círculo social imediato.

Trilhar o caminho que leva ao entendimento do mundo do trabalho é descortinar diferentes tempos históricos na tentativa de entender os seres humanos, suas organizações, seus espaços de atuação, suas criações simbólicas e, acima de tudo, sua participação na formação da história de uma sociedade/país.

Trabalhar com o discurso produzido no passado é buscar a recuperação de imagens, tradutoras de uma forma única de vivenciar o espaço e o tempo. Cada palavra e o seu sentido possuem uma dinâmica própria em cada discurso e em cada época. Assim, a imprensa surge como fonte para o historiador, já que se torna um veículo condutor de cultura. A palavra escrita traduz no discurso o universo em que está inserida, o lugar das personagens e a forma de ver e lidar com o mundo.

Em oposição ao ideário da elite, onde o trabalhador era apresentado como um “ser dócil” e “inferior”, a imprensa operária resgata a idéia do orgulho do trabalho e recoloca para o operariado a questão da cidadania. Neste plano, um grupo merece destaque na sua produção jornalística, dada o seu lugar privilegiado no meio, os gráficos.

Como veículo de comunicação, O Gráfico¹⁴, periódico editado pelos tipógrafos e trabalhadores gráficos em geral, se destaca por ser o instrumento de defesa da classe trabalhadora como um todo, revelando nas suas entrelinhas as influências culturais daqueles que o editavam. Publicado em 1916 e 1919 na cidade do Rio de Janeiro esse periódico, repleto de notícias, reflexões, notas informativas, poesias e anúncios, tornou-se um instrumento de defesa da classe trabalhadora como um todo, revelando nas suas entrelinhas as influências culturais daqueles que trabalhavam diariamente¹⁵. O intercâmbio de imagens entre os produtores e os receptores do discurso de “O Gráfico” fornecem dados do seu cotidiano social; por de trás da rudez de suas vidas, das mãos sujas de tinta e do suor que caía pelo rosto, eles pensavam e transmitiam suas idéias para o grupo e para outros trabalhadores do Rio de Janeiro de 1916.

A presença da idéias de progresso ligado ao uso das máquinas (desenvolvimento tecnológico), sua cultura e a valorização da educação estavam presentes nos seus artigos, nas poesias, nas denúncias e testemunhos literários, com uma linguagem simples da realidade social.

Pensamos, talvez com alguma razão, que a dificuldade até hoje encontrada para a organização neste paiz de um sólido movimento operário, reside numa causa exclusiva: a falta de instrução adequada a uma grande parte, a maioria sem dúvida do operariado brasileiro¹⁶.

“O Gráfico”, traça o perfil de homens que buscavam o aprimoramento e o reconhecimento profissional, mas ao mesmo tempo fazia com que se percebessem enquanto trabalhadores que queriam construir a sua imagem para a sociedade. No momento da construção da identidade coletiva, o jornal se torna o veículo de convencimento e traduz

valores, tradições, idéias, crenças, hábitos e comportamentos o que dá liberdade de recuperar a forma de agir de um grupo social específico e dos que fazem parte do seu círculo social imediato.

Antes do pão a educação – visto ser esta a melhor garantia de solidariedade, a mais acertada para o meio em que vivemos e para a actual geração. Seguiremos o mesmo caminho porque julgamos capaz de no conduzir (...) sendo O Gráfico o mensageiro do nosso pensamento e das nossas aspirações, (...) propaganda verdadeira, sem vaidade e sem mesquinhas pretensões. Convencidos toda via de que este jornal (...) sem (...) persuasiva e criteriosa as faltas insidiosamente cometidas pelos transviados, tentem desvirtuar a grandeza da obra que nos propomos realizar, elevando a moral, intelectual e materialmente de uma classe numerosa e digna¹⁷.

Na “auto-imagem” que apresentavam, os gráficos passavam a atribuir para si um papel de destaque com relação aos outros trabalhadores. Se por um lado eram taxados de trabalhadores devido suas condições de vida, por outro lado o domínio da escrita e de todo um conhecimento literário os levava a ocupar um lugar privilegiado na sociedade, tornando-se a elite dos trabalhadores. Viver entre dois mundos fazia com que surgissem dúvidas entre qual espaço ocupar. Se os outros trabalhadores da Primeira República eram excluídos, os gráficos sofriam duas vezes essa exclusão¹⁸, pois ao seu modo queriam e deveriam ocupar um espaço que não era o mesmo dos outros trabalhadores.

No instante em que um grupo social começa a se valorizar e projeta isso não só para si como também para os outros, ele está se construindo. E no contato diário com o mundo do grupo dominante, através das impressões de pensamentos, conceitos e palavras mescladas as suas emoções, valores, tradições foi que os gráficos passaram a construir uma articulação mental, que incorporaram à sua vida.

Em seu jornal os gráficos realizavam concretamente a idéias de transformação do pensamento, pois era o meio de representação/expressão das formas de pensar, dos desejos, ansiedades, das preocupações e das reivindicações desse grupo de homens. Aí eles contavam e mostravam sua cultura, ligada a uma tradição e às visões de mundo desses operários. Ao escrever, editar e publicar seus artigos, os gráficos se percebiam como transformadores sociais, ou seja, homens com o objetivo de transformar a sociedade em que estavam inseridos. Mais uma vez percebe-se a questão da criação e afirmação de uma auto-imagem atrelada à idéia de trabalho. Trata-se o trabalhador ordeiro e cumpridor de seus deveres, como aquele que conquistaria a cidadania baseada em uma identidade social positiva, o que fazia com que sua

classe fosse reconhecida pelo Estado¹⁹. Diante dessa visão, somou-se aos gráficos ainda a idéias de que eles eram os responsáveis, entre os trabalhadores, pela propagação do conhecimento que levaria ao progresso e consequentemente ao ideal de civilização.

Multiplos são os problemas que ao operariado compete resolver: o dia de oito horas, a regulamentação para menores e mulheres nas fábricas, os accidentes de trabalho, a prophylaxia contra a tuberculose nas oficinas, a garantia de conservação na casa do trabalho afirmada pelo tempo, o afastamento das luctas operarias de elementos que não pertencem ao meio, o abandono da política dos potentados, etc..²⁰

Para identificar os simbolismos e imagens criados pelos gráficos através do seu jornal, se faz necessário perceber suas relações com a sociedade através das palavras, gestos e das linguagens com as quais esses atores sociais se faziam entender através dos seus textos impressos. Através deles, se perceberá as resistências cotidianas que compõem a história da formação cultural onde eles se inserem. Toda e qualquer sociedade cria modelos de ordem econômica, política e social no decorrer do seu progresso, concomitantemente, surgem instituições, formam-se conceitos e imagens.

A História Cultural nos fornece ferramentas teóricas para compreender os processos de formação de identidades coletivas, já que ela é de importância com relação às lutas sociais pelo poder. Autores como C. Ginzburg, R. Chartier²¹ e outros identificam a questão cultural dentro da síntese histórica como um aspecto particular de uma história global. Para R. Chartier, o mundo social e suas significações são sempre representadas pelos interesses dos grupos que as criam. Assim, há a necessidade de articular os discursos criados com os seus criadores, já que os mesmos não são neutros, pois produzem e reproduzem práticas e estratégias que justificam a posição de uma autoridade ou então servem para legitimar um projeto ou até mesmo justificar escolhas. Sob esta ótica, a apropriação cultural passa pela questão das diferentes formas de interpretação da realidade em que a mesma se insere. Nesse momento ele destaca as inúmeras formas de se ler uma sociedade (escrita ou iconográfica; oral ou silenciosa; particular ou coletiva), onde o objetivo se encontra em perceber a identidade do ser que nada mais é do que se não a denotação do real. Nessa questão da representação, R. Chartier pressupõe que o mundo social e suas estruturas são produzidas historicamente através de práticas sociais, políticas, econômicas que, articuladas entre si, constróem/criam suas figuras.

Através do olhar de Roger Chartier, tem-se uma visão da importância do trabalho para a formação de uma nação:

(...), a análise do trabalho de representação tem por pressuposto que as estruturas do mundo social não são um dado objetivo no sentido de uma externalidade material, como também não o são as categorias intelectuais e psicológicas. Antes são historicamente produzidas por práticas sociais, políticas, discursivas, articuladas que constróem suas figuras. O trabalho de representação é um trabalho de classificação e de exclusões que constituem as configurações sociais e conceituais próprias de um tempo ou um espaço²².

Ao trabalhar com um pequeno grupo de operários e seus indícios/vestígios (jornal), busca-se reconstruir as histórias de uma sociedade partindo do singular (micro) para o universal (macro). É assim que C. Ginzburg, à maneira de um detetive, se utiliza de diferentes áreas do conhecimento para obter indícios ou vestígios que o levem a interpretar seus significados sociais e assim compreender a sociedade estudada. Sua proposta passa pela questão da interpretação dos vestígios atrelada a visão prévia da sociedade estudada. Como pistas reveladoras de uma conjuntura social, o jornal “O Gráfico” pode ser visto como um conjunto de indícios de uma sociedade e, ao estudá-lo, percebe-se informações de diferentes naturezas que poderão auxiliar no trabalho de reconstrução de estruturas de relacionamentos da sociedades estudada, como por exemplo a própria construção desse grupo como classe social.

Como texto, documento e fonte histórica, o jornal é fruto da união entre uma máquina e as mãos humanas. A máquina guiada pelas mãos humanas, carrega a subjetividade do homem-gráfico, que trabalha o texto conforme sua perspectiva/olhar. Percebe-se, assim, que a linguagem cotidiana pode ser expressa tanto por gestos, imagens, quanto pela linguagem textual e que através dela captamos os modos de ser e as relações dos homens. Deve-se lembrar que o Estado e a imprensa são vistos como meios para a produção e a distribuição dos símbolos que irão legitimar a ideologia no campo político. Sendo a linguagem escrita ou falada uma forma de comunicação, ela cria códigos e convenções que fazem alusões ao contexto cultural em que está inserida.

Sabe-se que as palavras possuem um duplo sentido: o que significam e o que querem dizer. Além do que, servem como fio condutor de memória. Não se pode deixar de ressaltar o papel da memória, entendida como sendo o grande jogo de conservação e esquecimento de certas informações, já que o homem é um animal social e por isso não é neutro; ele age e reage ao seu contexto social, formando um amálgama próprio – a memória – por todos compreendido e que lhe dá uma identidade própria e serve de esteio e de manipulação.

Resgatar a memória do trabalho é muito importante, já que ela é um bem precioso e infinito no qual só se tem registros de fragmentos, vivos de recordações valiosas. A memória do indivíduo só existe mediante a um relacionamento anterior dele com sua família, sua categoria social, sua igreja, sua escola e sua profissão. Sem esses grupos, para ele se relacionar, sua memória seria um pequenino grão de areia. Mas como a memória transcende o mundo material, o homem reúne os pequeninos grãos de areia, criando a partir das infinitas experiências vividas, e transforma isso em consciência fazendo com que ela sobreviva ao tempo e traga as lembranças do passado para o presente. A memória coletiva foi e é de grande importância com relação às lutas sociais pelo poder. Além disso, o estudo da memória social é um meio fundamental dentro da abordagem dos problemas do tempo e da História, e dentro do mundo social, cultural e escolástico, ela tem um papel fundamental, já que sua principal característica está em se ligar ao poder de perpetuação, voluntária ou não das sociedades históricas.

O Rio de Janeiro da Primeira República era o da *Belle Époque*, do progresso técnico e científico, em que a busca pelo ideal de civilização foi constante. Nada melhor do que os jornais para difundirem as regras/normas de comportamento criadas. Ao entrarem em contato com essas práticas, os diferentes grupos sociais se apropriavam das informações e as adequavam às suas realidades culturais. Passava então a ser visto como verdade tudo aquilo que vinha escrito no jornal, e a imprensa ganha, assim, o papel de intermediária entre o poder público e os diferentes grupos sociais.

Os gráficos assumem um papel de destaque quando nos voltamos para a história do mundo do trabalho. Tipógrafos e revolucionário vão se tornar sinônimos de protesto quando voltarmos o olhar para o início do século XX. Atitudes, expressões e diferentes olhares embrenham-se em um universo de mãos calejadas e corpos cansados, porém ávidos e desejosos de se tornarem atores sociais na formação desse Brasil da Primeira República.

No Brasil, paiz há 26 annos *democratizado*, num regimen que é a *incorporação* do proletariado na sociedade, o operario, na sua maioria, vegeta uma existência de privações, enquanto elles, os taes das legislações e do Estado, vivem fartos, sadios e nédios, com os dentes presos á têta farta da *mãe patria*. Em ambas as casas do Congresso Nacional varios projectos têm sido apresentados regulamentando as 8 horas de trabalho, bem como o trabalho dos menores e das mulheres nas fábricas e officinas, sem comtudo se Ter cogitado do seu anelamento ou da sua applicação²³.

Como num jogo de xadrez, onde cada peça possui um valor e uma posição estratégica, a busca pela participação na vida política da República foi algo presente cotidiano desses trabalhadores-artesãos que não virão muitas mudanças nas condições de trabalho. As cansativas jornadas de trabalho, o uso da mão-de-obra feminina e infantil foi algo que continuou fazendo parte da vida e da memória dessa camada da população .

Muitas lutas ocorrem, porém os resultados foram poucos. Como uma artesã que borda uma linda flor, cada ponto dado equivale a um obstáculo superado por esses trabalhadores-artesãos. Assim bordou-se a cara do cidadão brasileiro: negro, branco ou pardo, homens e mulheres, crianças, jovens e velhos, brasileiros ou estrangeiros, que unidos conseguiram criar, na Primeira República os atores políticos do Brasil.

* Professora da rede Municipal do Rio de Janeiro

¹ Sobre a influência da Primeira Guerra Mundial na economia brasileira na Primeira República, ver GOMES, Ângela Maria de C. *Cidadania e direitos do trabalho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 19 e FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890/1920)*, 5^a ed., Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 129.

² CIAVATTA, Maria. *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900/1930)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 84; pois a autora menciona a política de modernização econômica do governo de Rodrigues Alves e as reformas urbanas de Pereira Passos.

³ CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 16.

⁴ Sobre a questão de cidadania ver, GOMES, Ângela Maria de C. *Cidadania e direitos do trabalho*. Op.cit., pp. 13-14 e CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: um longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

⁵ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 37

⁶ ver BATALHA, Cláudio H. de . *O Movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 15. O autor fala que as primeiras associações de resistência voltavam-se para a “ação econômica” e surgem com diferentes denominações como: “associação , centro, grêmio, liga, sociedade, união e, até mesmo sindicato”. E que as mesmas utilizavam a palavra “resistência” para se diferenciarem das sociedades mutualistas que eram vistas como “beneficentes”.

⁷ Sobre a definição e o movimento anarquista ver, ADDOR, Carlos A . *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2^a ed. revista, 2002; COSTA, Túlio. *O que é anarquismo*. São Paulo: Brasiliense, 1996; FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890/1920)*. Op. cit.; MARAN, Sheldon L. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890/1920)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

⁸ Ver THOMPSON, E. P.. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁹ GOMES, Ângela Maria de C. *A invenção do trabalhismo*. São Paulo: Vértice, editora Revista dos Tribunais; Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, 1988, p. 87.

¹⁰ Com relação às greves que ocorreram no início do século XX no Brasil ver, BATALHA, Cláudio H. . *O movimento operário na Primeira República*. Op. cit.; FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890/1920)*. Op.cit.; GOMES, Ângela Maria de C. *A invenção do trabalhismo*. Op.cit

¹¹ O jornal é utilizado como veículo de comunicação e propaganda. Através dele é que os operários irão divulgar idéias como a redução da jornada de trabalho, direitos do trabalhador, denúncias de exploração do menor e da mulher – ver: GOMES, Ângela Maria de C. *A invenção do trabalhismo*. Op.cit.

¹² Cultura aqui é entendida como o conjunto de idéias, crenças e tudo aquilo que é aprendido; e caracteriza uma sociedade em um determinado tempo.

¹³ CIAVATTA, Maria. *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica* (Rio de Janeiro, 1900/1930). Op. cit., pp. 96/97

¹⁴ O jornal operário O Gráfico publicado entre 1916 e 1919, se encontra na biblioteca Nacional – manuscritos.

¹⁵ Ver dissertação de mestrado BARBOSA, Marinalva. “Os operários do pensamento” (*visão de mundo dos tipógrafos no Rio de Janeiro 1880/1920*). Niterói, RJ.: ICHF – UFF, 1991.

¹⁶ Jornal O Gráfico – 15/01/1916

¹⁷ Jornal O Gráfico – 15/01/1916

¹⁸ BARBOSA, Marinalva. “Os operários do pensamento” (*visão de mundo dos tipógrafos no Rio de Janeiro 1880/1920*). Op.cit. Introdução, p. 2.

¹⁹ Ver GOMES, Ângela Maria de C. *A invenção do trabalhismo*. Op. cit.

²⁰ Jornal O Gráfico – 01/01/1916

²¹ ver, GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987; CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

²² CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Op. cit.

²³ Jornal O Gráfico – 01/01/1916